

~~1127~~
DR. ANTÓNIO DE SOUSA PONTES

1592

A CULTURA DA CANA
DO AÇÚCAR EM QUARTEIRA

EDIÇÃO

«ACTIVIDADES ECONÓMICAS»

LISBOA—1959

à Casa do Alqueve, com os accu-
pimentos da Junta de Turismo
da Praia de Quarteira.

Junho de 1959



**A CULTURA DA CANA DO AÇÚCAR
EM QUARTEIRA**



Faint, illegible handwritten text at the top of the page.



A CULTURA DA CANA DO AÇÚCAR
EM QUATRO



Separata do N.º 22
da Revista «Actividades Económicas»

Recebido em 4 / 7 / 19 59
Registado sob o N.º 511/pul
Tratado pelo officio N.º _____

DR. ANTÓNIO DE SOUSA PONTES



A CULTURA DA CANA
DO AÇÚCAR EM QUARTEIRA

EDIÇÃO

«ACTIVIDADES ECONÓMICAS»

LISBOA—1959

A cultura da cana do açúcar em Quarteira

A Enciclopédia Portuguesa e Brasileira, diz no seu 23.º volume, ao tratar de **Quarteira**, que «D. João I mandou fazer na Quinta de Quarteira os primeiros ensaios da cultura da cana do açúcar, **trazida da Ilha da Madeira**».

E acrescenta: «Por carta de 16-1-1404, D. João I determinou que fossem coutadas estas terras em que estão as canas de açúcar de Micer João da Palma, mercador genovês».

O Dicionário Corográfico, de Américo Costa, (1940) labora no mesmo erro de informação, afirmando até que «as caravelas do Infante D. Henrique é que trouxeram as canas do açúcar da Ilha da Madeira».

Porém, quem estiver recordado da História das Navegações e Descobertas sabe que se a Ilha da Madeira começou a ser colonizada depois de 1425, não podia dela ter vindo a cana do açúcar para Quarteira, em 1404!

Como já dissemos no «Correio do Sul» de 6/3/58, lê-se no livro 2.º da Chancelaria de D. João I, que este rei, pela sua carta de privilégio de 16 de Janeiro de 1404, passada a favor de João da Palma, mercador genovês, mandou coutar uns

terrenos em Quarteira, **onde tinha uma plantação de cana**, que anteriormente pertencera a um Mestre João.

Ao João da Palma chamava o rei «nosso servidor das nossas canas de açúcar».

E para que melhor pudesse criar as canas e haver mais proveito delas, houve por bem contar-lhe o terreno em que as ditas canas tiver dispostas. Acrescentando até: «E mandamos e defendemos que não seja nenhum tão ousado de qualquer estado e condição que seja, que depois das ditas canas forem postas no dito terreno, enquanto em ele estiverem, entre no dito terreno nem tome das ditas canas, nem faça em elas outro nenhum mal nem dano, sob pena de pagar por cada vez que em ele entrar os nossos encoutos de mil soldos em tresdobro e pagar e correger ao dito João da Palma ou àquele a que ele das ditas canas der encargo, todo o mal e dano que fôr achado que lhe é feito».

A este facto se referem os seguintes historiadores: João Baptista da Silva Lopes, na **Corografia do Reino do Algarve**; Sousa Viterbo, na **Indústria Sacarina** e, ainda, Henrique da Gama Barros, na **História da Administração Pública em Portugal nos séculos XII a XV**.

O açúcar considerava-se então como especiaria e era negociado em doses mínimas.

Segundo o **Inventário e Contas da Casa do Rei D. Diniz** (1272-1282), o preço do açúcar por quilo equivaleria (tanto quanto é possível fazer esta comparação) a cerca de 190\$00 actuais.

O açúcar vinha então da Sicília ou do Egipto.

Não admira pois que dado o seu elevado valor, ao nosso rei D. João I merecesse tanto cuidado esta cultura: ele julgava que a Nação iria tirar largo proveito dela.

De 8 de Maio de 1409 aparece uma carta de aforamento de uma horta, junto do muro da vila de Loulé, para plantação de canas de açúcar, pelo foro anual de 5.000 libras. O senhorio do terreno era D. João I e os enfiteutas, o referido João da Palma, Nicolau de Palma e o filho do primeiro, Francisco de Palma (cf. Dr. Silva Marques, em «Descobrimientos Portuguezes — Documentos para a sua história»).

E parece que chegou a haver fabrico de açúcar por esta época, devido a terem sido encontrados documentos em que um Afonso Anes e um Gomes Lourenço são designados como «açucareiros de el-rei».

Discutiui-se bastante se as canas de açúcar tivessem ido de Quarteira ou de Loulé para a Ilha da Madeira, pois os autores mais próximos do facto, como Cadamosto (1455), Duarte Pacheco (1506), etc. dão-lhes origem siciliana.

Autores modernos, como Sousa Viterbo e José Lúcio de Azevedo opinam em contrário, sem porém afirmarem que foram de Quarteira.

Duarte Leite, no seu livro **Coisas de vária história** (1941), declara categoricamente: «não vieram mestres da Sicília, a mando do Infante, ensinar aos portugueses a arte sacarina, porque ela já era conhecida destes em 1404, quando tinha dez anos e seu pretendido promotor; todavia, não repugna crer que ele aproveitasse

a experiência de alguns sicilianos, quando introduzidos os açucares na Ilha».

O erudito investigador, director do Arquivo Histórico ultramarino, Dr. Joaquim Alberto Iria Jor., no seu notável trabalho histórico **O Algarve e os descobrimentos**, occupa-se largamente da cultura da cana do açúcar em Quar-



Contracto que foy feyto entre
ho ynfante Dom Enyrique e
Diogo De teive Sobre ho
fazimento do aquiuar

Do oymhante Dom Enyrique Duque de Viseu e
Senior De conlhany fago Saber A vos Johany goncalves
meu cavalleiro e capitan por nhy na nyha yha Dama
Dora e a outro quall quer a que este meu contracto for
mostrado que eu contrayter com Diogo de teive meu
clavero que elle mande hy fazer hum Engenho de moinha
qua em lugar que non possa fazer noso a outro ny
Te nelle fazer aquiuar Com estas condicoes Jufo espiritas
yten que de todo ho aquiuar que se em elle fazer elle
me de a terca parte e em lxx em dar nyha coula
yten com condicoes quedando elle com ho dito Engenho
e Engenho so meu lazar de lpaço e todas ho ca
naveaes que non fique nyha coula por fazer que
em non de lazar a nygeny que pola fazer outro que
melhante e non se podendo todo fazer que eu de
lugar aquem me prouer que faga outro
Com condicoes que o meu Almoraxite Recaba delle
o meu terço do dito aquiuar que me ha de dar aly
ho das formas como de panella apurado e o quall
por esta presente mando que logo como sly apurado
for o Recaba e pecaia per ny . e por em vos mando q
lxx leyxee sly fazer o dito Engenho onde lxx prouer
e lxx non ponhaes neço embargo alguuy feyto em
allbu feria v. dias de Dezembro Johany de moraa
es o fez Jmno de Acaioi De mll m/ lii. 1/ 1452.

Contrato de 5 de Dezembro de 1452, entre o infante D. Henrique e Diogo de Teive, sobre fabrico de açúcar na Madeira. (Arquivo da Câmara Municipal do Funchal, t. I, fl. 132).

teira — pág. 382/6 — e já depois da publicação daquele trabalho, em 1956, pelo Instituto de Alta Cultura, tem encontrado no Arquivo da Torre do Tombo outros documentos que mais confirmaram o que já ali dissera.

Afirma que Quarteira, com a indústria derivada das suas plantações da cana do açúcar, atraiu a este local outros colonos de Génova, interessados no fabrico e exportação deste exótico produto que tão bem se dava nesta região de Loulé, a pontos de se fazer exportação de açúcar de Quarteira, em concorrência com o que, aos portos do Reino, «traziam navios italianos da Espanha, da Sicilia e do Levante».

É de opinião que «de Quarteira» e de Loulé é que as canas de açúcar tivessem ido para a ilha da Madeira, apoiando o asserto de Duarte Leite que escreveu também: «se havia canaviais nas terras do Infante no Algarve, facilmente lhe acudiria plantá-los nessa ilha...».

É preciso esclarecer que no fim do século XIX, á volta de 1885-1890, a cana do açúcar voltou a ser cultivada na Quinta de Quarteira, por iniciativa do seu proprietário, o conde de Azambuja, filho 2.º dos Duques de Loulé (1).

Tudo isto vem confirmar que partiu do Algarve, onde o Infante D. Henrique viveu até 1460 e onde faleceu, a ideia da exploração económica das terras que se descobriam. E a

(1) O 14.º Morgado de Quarteira (da família Moura Barreto) foi o 1.º marquez e depois duque de Loulé.

cultura da cana do açúcar foi das que lhe mereceu maior atenção, o que revela uma visão do futuro, de carácter excepcional.

De Aljezur, onde se encontrava, escrevendo a Gonçalves Zarco, que estava levantando a vila do Funchal, não se esquecia o Infante, entre outras coisas, de recomendar **«e que se façam canaviais nas outras povoações.»**

E para aumentar a produção, ordenou que se instalasse um aparelho manual chamado «alçaprema», para moagem da cana e depois, outro, movido por animais.

Publicamos a fotocópia do contrato feito em **Albufeira, em 5 de Dezembro de 1452,** entre o Infante D. Henrique e Diogo de Teive, seu escudeiro, sobre o fabrico do açúcar na Madeira, onde então a cultura já era bastante, «no qual se autoriza a montagem de um engenho movido **hidraulicamente,** com a obrigação deste escudeiro lhe entregar a terça parte do açúcar produzido».

Este contrato, (que está arquivado na Câmara Municipal do Funchal), por ser o mais antigo documento que se conhece com data certa sobre a indústria do açúcar na Madeira, **é considerado o documento mais importante daquele que, com uma visão genial, deu vida à cultura e industrialização do açúcar nos nossos territórios ultramarinos e, pode-se dizer, generalizou antes de qualquer outro País, o seu emprego universalmente.**

O açúcar tem hoje na Economia do Mundo

Português, os seguintes valores, referido aos últimos 5 anos (1953-57), **em toneladas** :

	Totais	Angola	Moçambique	Madeira e Açores	Estrangeiro
Produção média anual das Ilhas e do Ultramar	170.941	50.161	110.807 (a)	9.973 (a)	
Importação do Continente	116.996	28.145	64.114		24.737

(a) — Média anual de 1953/56.

O valor médio, cif., do açúcar importado no Continente, foi de 3\$05/kg.

A produção mundial de açúcar no período de 1954/56 foi, em média, de mais de 38 milhões de toneladas por ano.

Na história do açúcar em Portugal, que é uma das pedras do grande edifício da História Económica de Portugal, diz o seu autor, Amorim Parreira, o que foram as 2 épocas da sua exploração.

A 1.^a vai até à aplicação da máquina a vapor nos moinhos da cana de açúcar, o que se fez pela primeira vez em 1815, na Guiana holandesa.

Foi o holandês Foster quem instalou os primeiros moinhos a vapor, que substituíram os moinhos braçais, ainda então existentes, com o trabalho do escravo negro, os moinhos de animais e os hidráulicos.

É interessante acompanhar naquele estudo da nossa História Económica, e ligado à cultura e indústria da cana do açúcar a acção da figura do Infante D. Henrique, como criador e impul-

sionador da **indústria açucareira nos tempos modernos**, e como a ele se deve o primeiro planeamento duma economia ultramarina portuguesa.

Ainda no tempo do Infante Henrique, em 1456, começou a exportar-se açúcar para a Inglaterra.



Chaminé típica e torre da Igreja de Quarteira situada nas imediações do local onde em 1404 o rei D. João I mandou intensificar a cultura da cana do açúcar.

terra, exportação que aumentou cada vez mais e passou depois a fazer-se para Castela, Flandres e outros países.

Perpassa depois a história dos senhores do engenho: madeirenses, açoreanos, caboverdeanos, de S. Tomé e do Brasil, com os seus períodos de apogeu e de declínio. Observa-se também a vida dos obscuros trabalhadores: os **negros do engenho.**

Lendo-o, tem-se ideia mais perfeita da nossa História Política e Diplomática, nos vários reinados, através de um dos produtos ultramarinos mais valiosos.

*
* *
*

Nesta época de recordações históricas, quize-mos desta maneira assinalar o nome de **Quarteira, no itinerário histórico da Vida do Infante D. Henrique no Algarve.**

Quarteira, Agosto de 1958.

15